

## HOMENS E MULHERES PERDEM POSTOS DE TRABALHO NA ATIVIDADE CANAVIEIRA DA MACRO ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO (SP – BRASIL), 1977 - 2008

Rosa Ester Rossini

O Brasil, tendo como referência o prolongamento das tendências dominantes na década de 90 do século XX, parte para abertura cada vez maior do mercado interno aos capitais e mercadorias do exterior, à manutenção das privatizações.

A legislação do trabalho de direitos sociais universais tem sido paulatinamente substituída por formas diversificadas de contratação de pessoas.

A terceirização das atividades tem se intensificado assim como as empresas deixam paulatinamente de assumir as pessoas trabalhadoras quanto aos direitos trabalhistas.

O engajamento das pessoas na força de trabalho é em grande escala ou temporário ou por conta própria. A exclusão social não respeita sexo, idade ou escolaridade embora as primeiras pessoas a perderem as ocupações são as mulheres jovens em que o risco de gravidez assusta as pessoas contratantes (Rattner, 2000).

A modernidade técnico-científica e informacional passa a ser a palavra de ordem das empresas vinculadas ao setor sucro-alcooleiro. Uma colheitadeira de cana-de-açúcar, por exemplo, substitui 120 pessoas dia. Poucas pessoas relativamente são convidadas para o trabalho apesar da enorme expansão da cana que empobrece mais os deserdados do capitalismo (Silva, 2004).

O Brasil é o maior produtor de etanol de cana-de-açúcar do mundo e ocupa posição de liderança na tecnologia de sua produção. Os avanços tecnológicos permitem que a produtividade seja maior a cada dia e o custo da produção bem inferiores aos dos concorrentes.

Essa liderança e competitividade devem-se ao longo trabalho de muitos anos feitos por pesquisadores e pesquisadoras em instituições de ensino e pesquisa e em empresas privadas, que resultou em valiosa bagagem de conhecimento e de tecnologia sobre a cana, seus derivados e seu processo de fabricação do etanol de cana.

As pesquisas, predominantemente, tratam de temas como o melhoramento genético da planta, combate a praga, técnicas agrícolas e de colheita, impactos da cultura no meio ambiente e tecnologias de fabricação do etanol, incluindo-se a hidrólise e a fermentação (Agência FAPESP, 20.07.2007).

O plano nacional de agroenergia do Ministério da Agricultura também prevê rápida expansão da produção do etanol. O BNDES estima que 100 novas usinas deverão ser

construídas só até 2010 agregando-se às 248 existentes na Região Centro-Sul e 88 no Nordeste. Até mesmo a Amazônia começa a receber o olhar cobiçoso nacional e internacional para a expansão da agricultura e implantação de usinas (Folha de São Paulo, 07.02.2007).

São Paulo mantém a liderança e competitividade dos estudos e pesquisas sobre a produção, consumo, distribuição do etanol e de seus sub-produtos.

A leitura do tema tem tido apenas um olhar: reprodução do capital. As pessoas que trabalham na “linha de produção” são vistas como “apêndice” da máquina altamente sofisticada (Sachs, 2007).

Acontece que milhares de pessoas estão envolvidas nesta produção na qualidade de mão-de-obra qualificada para a atividade e mal remunerada no desempenho da função. A aceleração da substituição de trabalho de homens e mulheres dedicados a atividade por máquinas é significativo e não tem havido a contrapartida correspondente e no mesmo nível de aceleração para o preparo destas pessoas ou para exercerem outras atividades remuneradas ou para assumirem o comando das máquinas. A resposta tem sido a exclusão da mão-de-obra volante e da mão-de-obra permanente dedicada as atividades do plantio, tratos culturais e colheita.

São raras as pessoas que, no Brasil e no Estado de São Paulo assumem este tipo de pesquisa são mais frequentes na área da sociologia, agronomia, economia, etc. Na geografia, estudo de tão longa duração (mais de 30 anos) como o que está sendo apresentado é raro e revelador de como o espaço vem sendo produzido e reproduzido para o capital e que homens e mulheres pobres, dedicados a esta atividade, são esquecidos.

A população do Estado de São Paulo, segundo estimativas da Fundação SEADE para 2005, somava 39.949.487 habitantes, sendo 37.412.251 urbana e 2.537.236 rural. De acordo com as estatísticas para 2000 (Censo Demográfico do IBGE), havia certo equilíbrio entre o número de homens e o de mulheres (48,98 de homens e 51,02 de mulheres). Para 2006 a distribuição percentual era de 48,93% de homens e 51,07% de mulheres, mantendo a tendência de predomínio de mulheres no Estado de São Paulo. Em 2006 a população estimada é de 40.912.569 habitantes.

O desenvolvimento técnico científico e informacional no Estado de São Paulo intensificou, desde a década de 60, a aceleração do processo de urbanização de modo que a população rural é (2005) de apenas 6,35%.

A região administrativa de Ribeirão Preto não foge à regra. Segundo dados para 2005, eram 97,06% os residentes urbanos e 2,94 % os rurais. A presença feminina também guarda a

mesma participação em relação ao estado (49,25% de homens e 50,75% de mulheres), isto é, a presença maior das mulheres no total da população.

A constatação da intensificação das relações capitalistas na agricultura, o deslocamento da família operária do campo para a “cidade”, sem, no entanto desvinculá-la da atividade agrícola, torna-se parte essencial no trabalho de campo realizado na mais importante área canavieira do Estado de São Paulo - Ribeirão Preto.

Em 1977, 1985/86, 1995/96 e 2003/06, foram feitas pesquisas com 43, 38, 42 e 57 famílias, respectivamente, para verificar, entre outros aspectos, como era a sobrevivência dessas famílias onde, pelo menos, uma mulher, na casa, empregava sua força de trabalho na atividade ligada à agricultura canavieira.

A preocupação deste estudo, em todos os momentos, vincula-se ao aspecto qualitativo, o qual se expressa também pelo reduzido número de famílias pesquisadas em profundidade. Acrescente-se ainda o fato de que dada a característica que se tornou mais expressiva na década de 60, ou seja, a residência urbana e a migração pendular em função do processo de intensificação do capital no campo, a moradia na periferia da cidade, por ser mais econômica, foi a opção para boa parte desta população trabalhadora.

Nestes trinta e um anos de pesquisas, as mudanças foram significativas: aumento do número de trabalhadores na família, diminuição de residentes na casa, crescente procura de participação da mulher na força de trabalho no campo (até meados da década de 90), maior escolarização, queda no número de filhos, aumento na última década de desemprego/desocupação para homens e mulheres. O fato mais marcante desta última década foi a diminuição dos postos de trabalho e a masculinização nos novos engajamentos. Apenas os homens operam máquinas.

Toda a sociedade humana conhecida tem uma divisão sexual do trabalho, e uma conseqüente diferenciação dos papéis masculinos e femininos. (Wajzman, 1998: Revista Veja, 2001). O trabalho da casa, o cuidado com as crianças e velhos, etc. são historicamente de competência da mulher, e os homens dele participam à distância. Hoje, o trabalho fora do lar é necessário a ambos, restando, portanto, um sobretrabalho substancial à mulher. Começa a existir na casa uma certa divisão de trabalho. Alguns homens colaboram na arrumação da casa, no preparo dos alimentos, nos cuidados com as crianças, na lavagem de roupa, etc.

A diminuição do número de pessoas por família de um levantamento para outro foi surpreendente: 7,7 em 1977, 4,3 em 1985/86, 4,3 em 1995/96 e 3,7 em 2003/06.

A mudança de deveu tanto à migração precoce dos membros da família quanto à nova estruturação que, de origem rural, hoje assume mais os padrões urbanos, acrescentando-se a

isso a disseminação do uso de anticoncepcionais e o engajamento da mulher na força de trabalho.

A fecundidade, enquanto capacidade reprodutiva da população, comportamento reprodutivo de mulheres e casais, deve ser analisada do ponto de vista da classe social. Ressalte-se que a pesquisa de campo se voltou, no conjunto, para a família trabalhadora de baixa renda e com participação significativa da força de trabalho voltada para a atividade canavieira.

A pesquisa de campo deixou de investigar o número de filhos tidos e mortos ou o número de abortos. Os dados da pesquisa farão referência apenas ao número de filhos na família. Constatou-se, igualmente, que a queda foi de mais de 50% da primeira para a segunda pesquisa, em 1995/96 houve concentração maior de famílias com até dois filhos, enquanto em 2003/06 houve leve predomínio de famílias com 2 e 3 filhos e percentual relativamente elevado (9%) de famílias sem filhos.

Em 1977, a média de filhos por família pesquisada foi de 5,5, enquanto em 1985/86 caiu para 2,6, em 1995/96 foi de 2,0 e em 2003/06 foi de 2,2 filhos por família. No primeiro caso, a concentração de famílias com mais de 7 filhos foi grande, enquanto em 1985/86 e 1995/96 a maior representatividade foi para 2 filhos. Na pesquisa realizada em 2003/06 a concentração foi na faixa de até 2 e de 3 a 4 filhos, provavelmente, por ter havido concentração de questionários em famílias migrantes recentes. Como a pesquisa está em andamento, nos próximos trabalhos de campo os resultados poderão sofrer modificação. A pesquisa qualitativa demonstra a manutenção da tendência de número reduzido de filhos por família.

**MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO  
NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA  
1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/06**

<b>Ano/ Número de Filhos por Família</b>	<b>Até 2</b>	<b>de 3 a 4</b>	<b>de 5 a 6</b>	<b>7 ou mais</b>	<b>Zero filhos</b>	<b>Total de Famílias</b>
<b>1977</b>	4	12	11	16	0	43
	9,3%	27,9%	25,6%	37,2%	0%	100%
<b>1985</b>	18	13	4	1	2	38
	47,4%	34,2%	10,5%	2,6%	5,3%	100%
<b>1995/96</b>	23	14	1	1	3	42
	54,7%	33,3%	2,4%	2,4%	7,2%	100%
<b>2003/06</b>	21	22	4	1	9	57
	36,8%	38,6%	7,0%	1,7%	15,8%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

Não é só do salário que vive a família. Existe todo um conjunto de atividades que interferem na qualidade de vida, na manutenção e na reprodução da força de trabalho. Não há dúvida, como já frisamos, de que o salário ou outras fontes de renda pesam substancialmente, mas há outros recursos não monetários que, combinados com as rendas, contribuem para a determinação da qualidade de vida da família: serviços públicos e sociais; a produção doméstica de bens e serviços e o uso das relações sociais informais com parentes, vizinhos e amigos, com os quais se estabelece uma rede de ajuda mútua.

Vinculado à produção de valores de uso, queremos ressaltar que também o trabalho cotidiano da casa envolve uma série de tarefas realizadas diariamente, como o preparo do alimento, a limpeza da casa, o cuidado com as crianças e velhos, etc, e outras, no decurso da semana ou do mês, como a lavagem da roupa e seu reparo, o cuidado com a casa e seu entorno, o pagamento das contas, etc. Mesmo o repouso diário é necessário para recuperação das forças para o trabalho reprodutivo e a nova geração de trabalhadores para a sociedade.

Tem havido tendência, casa vez maior, de mulheres assumirem a chefia da casa. Em 1977, 11,6% das famílias tinham a mulher como responsável pela unidade familiar (autoridade parental). A situação em 1985/86 se altera substancialmente com a aumento da responsabilidade da mulher na chefia da família – 23,7%. Nesta última pesquisa, em andamento, o resultado deverá manter a tendência histórica, isto é, de aumento percentual de mulheres como autoridade parental. Destaque-se, entretanto, que no Estado de São Paulo, em 1995 eram 21,8 % as famílias chefiadas por mulheres, 25,2% em 2000 e 28,7% em 2003 (F. SEADE).

Devido às dificuldades econômicas para a sobrevivência das famílias, estas são levadas a lançar mão de um maior número relativo de “braços” que possam colaborar com sua manutenção e reprodução.

**MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO**  
**PESSOAS NA FAMÍLIA**  
**1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/2006**

<b>Ano</b>	<b>Número de Pessoas</b>	<b>Até 3</b>	<b>4 a 6</b>	<b>7 a 9</b>	<b>10 a 12</b>	<b>Total de Pessoas</b>	<b>Total de Famílias</b>
<b>1977</b>	Número de famílias	1	12	21	9	323	43
	% de participação	2,3	28,0	48,8	20,9	100,0	100,0
<b>1985/86</b>	Número de famílias	13	20	5	---	162	38
	% de participação	34,2	52,6	13,2	---	100,0	100,0
<b>1995/96</b>	Número de famílias	16	22	1	3	217	42
	% de participação	39,6	52,1	2,1	6,3	100,0	100,0
<b>2003/06</b>	Número de famílias	15	37	5	---	215	57
	% de participação	26,3	65,0	8,8	---	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

Embora a escolaridade, segundo a legislação, seja obrigatória até aos 14 anos, na prática isto não acontece, pois a educação é altamente seletiva e cedo as crianças são chamadas a participar economicamente para garantir a sobrevivência da família. A participação dos volantes ocupados na agricultura vem caindo a cada ano em particular a das mulheres, devido, principalmente à forte mecanização da agricultura e à falta de apoio a agricultura canavieira devido à desativação do Pró-álcool na década de 80 (Rossini, 1999). No início do século XXI, com o aumento do número de carros de dupla opção de uso de combustível (gasolina e álcool) e com o aumento do valor relativo do litro de álcool combustível, e com o aumento das exportações de etanol houve retomada do cultivo de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo.

Tem havido crescente escolarização do trabalhador da agricultura. Não havendo, no período noturno, cursos profissionalizantes ligados a essa atividade, o caminho para aqueles que concluem o primeiro e/ou segundo grau é a saída dessa atividade.

Como em geral as cidades pequenas não oferecem oportunidades para o engajamento desses na força de trabalho, acabam, como alternativa, migrando para as cidades maiores ou vindo para a Capital. Não é incomum, após a conclusão do segundo grau, “jogarem o diploma fora” e continuarem sendo volantes - homens e mulheres. Os dados da pesquisa de 2003/2006 comprovaram o aumento da escolaridade, apontando, entretanto, um percentual de analfabetos de 16,2%.

**MACRO ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO**  
**ESCOLARIDADE MÉDIA DAS PESSOAS COM 7 ANOS E MAIS**  
**INTEGRANTES DA FAMÍLIA**  
**2003/2006**

	<b>1º à 4º série</b>	<b>Fundamental Incompleto</b>	<b>Fundamental Completo</b>	<b>Médio Incompleto</b>	<b>Médio Completo</b>	<b>Sem escolaridade</b>	<b>Total</b>
<b>Nº</b>	58	49	5	13	4	25	154
<b>%</b>	37,6	31,8	3,2	8,5	2,6	16,2	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003/2006

Igualmente, o número de pessoas com algum curso completo, entre as populações urbana e rural no estado de São Paulo, vinha apresentando aumento desde a década de 1970, o que indica que o aumento da escolaridade da população na região de Ribeirão Preto reflete o aumento progressivo da escolaridade da população do estado. Esses dados entretanto podem revelar apenas frequência à escola sem a contrapartida do conhecimento equivalente ao grau de escolarização.

Pesquisa realizada em 2007 durante as Olimpíadas da Matemática demonstram que percentual significativo de estudantes (40 a 60%) das escolas públicas não sabem ler nem escrever ao término do ensino fundamental (1ª a 4ª série) e que estudantes da 5ª a 8ª série sabem ler, sabem escrever mas não entendem o que lêem e o que escrevem. Menos de 10% dos estudantes do Ensino Médio sabem ler uma tabela e ou interpretar um gráfico. Assim sendo, a possibilidade de engajamento profissional fica cada dia mais distante.

A relação de trabalho, em sua maioria, deixou de ser patrão/empregado. A terceirização assume, cada vez mais papel de destaque.

Com a implantação da legislação do trabalhador rural e legislação subsequente, ficaram assegurados, a partir do registro do contrato de trabalho na carteira profissional, os seguintes direitos: férias proporcionais, 13º salário proporcional, descanso semanal remunerado, aposentadoria por tempo de serviço, aposentadoria por invalidez, pagamento de 120 dias de “repouso” para a gestante, etc. Tudo isto caiu com a luta pela garantia do emprego/ocupação na década de 90. Hoje a grande luta é pelo trabalho. (Cacciamali, 2001, Abreu e Sorj, 1994, Silva, 1999).

Em 1977, 74,1% das pessoas que trabalhavam declararam possuir carteira de trabalho e, em 1985/86, quase todos possuíam, salvo 4,4% das mulheres. Ainda hoje nem todos

possuem e apenas 2,2% das mulheres pesquisadoras declararam não possuir carteira. Há, entretanto, enorme distância entre possuir carteira e tê-la com registro de emprego atualizado.

Quando são recrutados homens e mulheres para o trabalho por produtividade, não há discriminação em relação à remuneração, pois o rendimento diário depende da capacidade e habilidade de cada um. Em média, cortam de 10 a 12 toneladas de cana por dia. Algumas mulheres cortam menos, outras mais.

É muito comum homens e mulheres serem roubados na avaliação da quantidade de cana cortada por parte do fiscal, hoje denominado “líder de equipe agrícola”, que deveria, ao final do dia, dar-lhes o controle da quantidade de cana cortada. Isso nem sempre acontece. É até comum receberem, no final da semana ou da quinzena, o salário sem terem recebido a “papeleta” de quantum cortado.

É muito difícil levantar informações quanto aos rendimentos das pessoas oriundas de trabalho: ou não informam, ou aumentam, ou diminuem e raramente dão o solicitado corretamente. É uma inibição natural do ser humano e muito maior ainda daquele que sente que suas condições são efetivamente precárias. Assim mesmo, foi feito esforço e se constatou que, apesar de não haver no discurso, discriminação entre o trabalho das mulheres e dos homens, essas em geral recebem menos, quando contratadas por salário. Quando contratadas só por produtividade, o rendimento depende da capacidade individual. Fez-se estudo do rendimento médio mensal em salário mínimo (SM) vigente à época de cada pesquisa e se chegou ao seguinte resultado: em 1977, os homens na força de trabalho recebiam 1,3 SM e as mulheres 0,85 SM. Para 1985/86, a situação melhorou sensivelmente em relação a 1977, mas isto não quer dizer que a situação seja boa: 1,8 SM para os homens e 1,4 SM para as mulheres. Em 1995/96 era de 2,3 SM para os homens e de 2,1 SM para as mulheres. Em 2003/2006, o salário médio pago foi de 1,7 SM para os homens e 1,3 SM para as mulheres. Em função da dificuldade de engajamento na força de trabalho, devido principalmente a modernidade tecnológica, o salário médio, tanto para os homens quanto para as mulheres caiu consideravelmente devido ao elevado número de pessoas que postulava posto de trabalho.



**MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO**  
**RENDIMENTO DA FORÇA DE TRABALHO**  
**1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/2006**

(em porcentagem)

	<b>Salário Mínimo</b>							
	<b>Zero</b>	<b>Até 0,5</b>	<b>0,6 a 1</b>	<b>1,1 a 1,5</b>	<b>1,6 a 2</b>	<b>Mais de 2</b>	<b>Ignorado</b>	<b>Total</b>
<b>Homem</b> <b>1977</b>	1,1%	5,6%	32,2%	20,0%	11,1%	12%	17,9%	100%
<b>Mulher</b>	0%	18,7%	40%	12%	0%	0%	29,3%	100%
<b>Homem</b> <b>1985/86</b>	0%	2,7%	10,7%	26,3%	34,2%	26,3%	0%	100%
<b>Mulher</b>	0%	2,3%	27,3%	38,6%	25%	6,8%	0%	100%
<b>Homem</b> <b>1995/96</b>	0%	0%	11,7%	5,8%	23,5%	58,8%	0%	100%
<b>Mulher</b>	0%	0%	11,1%	11,1%	25,9%	51,8%	0%	100%
<b>Homem</b> <b>2003/06</b>	0%	0%	5%	30%	55%	10%	0%	100%
<b>Mulher</b>	0%	0%	15,1%	57,1%	22,6%	5,2%	0%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

A mulher, quando absorvida pelo mercado de trabalho (rural ou urbano), tende a ser integrada em atividades que guardam “certas especificidades femininas”. Em primeiro lugar, sua entrada na força de trabalho é considerada como ajuda. No momento em que muda a concepção para o trabalho, permite dar sentido à divisão de tarefas por sexo.

As tarefas agrícolas básicas necessárias para o cultivo da cana são as seguintes: preparação do solo, plantio, tratos culturais e colheita.

A preparação do solo, regra geral é realizada nos meses de novembro e dezembro, embora hoje, provavelmente, ela se distribua por mais meses, dadas as melhorias no estudo das novas variedades. Essa atividade envolve a aração, calagem, gradeação e locação de curva de nível. Todo o trabalho é feito com máquinas, envolve poucas pessoas e é realizado apenas por homens. Não se tem conhecimento de mulheres operando máquinas na qualidade de assalariadas temporárias.

O plantio se estende por 3 a 4 meses no ano (janeiro a março-abril). Hoje, com o avanço tecnológico, novas variedades foram postas no mercado e é possível também que essa atividade, no futuro, passe a ocupar espaço o ano todo. É realizada ora com máquinas, ora tem parte do processo feito com trabalho humano direto. Emprega homens e mulheres.

A outra etapa - tratos culturais - corresponde à carpa, adubação em cobertura, combate às formigas, enleiramento da palha, conservação do carreador. A carpa pode eliminar o

emprego da mão-de-obra a partir da utilização tanto da mecanização como do emprego de herbicidas químicos. Na realidade, utiliza-se como estratégia de manutenção da mão-de-obra que será utilizada no período do corte. É uma atividade desenvolvida tanto por homens como por mulheres.

A terceira tarefa na atividade da cana é a de corte. Pode ser no todo ou em parte mecanizada, dependendo do terreno. No caso de ser plano e de as canas não estarem tombadas, ele pode ser integralmente mecanizado. Essa tarefa exige grande contingente de mão-de-obra, caso seja efetuada com trabalhadores e demora cerca de 6 a 8 meses, geralmente de maio a novembro. Conforme já foi ressaltado, em função da introdução de novas variedades, há uma tendência de que o mesmo se estenda por todo o ano. Hoje, ocorre o corte no início do ano, para o serviço de plantio de mudas.

Hoje com a mecanização boa parte das atividades é feita com máquinas modernas.

Já há propriedades que não queimam a cana para melhor aproveitamento dos subprodutos.

Nas pesquisas realizadas em 1977, 1985/86, 1995/96 e 2003/2006, não foram encontradas mulheres que exerciam a função de empreiteiras, fiscais (líderes de equipes agrícolas), eram, além de trabalhadoras com remuneração, donas de pensão.

Quando se perguntou na pesquisa quem havia convidado os volantes a trabalhar, a resposta em 1977 recaiu com percentual maior para turmeiro, em segundo lugar para proprietário. Em 1985/86 o turmeiro/empreiteiro assumiu liderança indiscutível. Em 1995/96 houve certo equilíbrio entre os homens em relação ao convite formulado pelo proprietário, turmeiro, amigo e outro enquanto que para as mulheres predominou o convite formulado por outro (soube de possibilidade de engajamento). Em 2003/2006 a liderança, no convite para o trabalho, para os homens, foi mais a do amigo e para as mulheres a ida para o trabalho se deve ao convite formulado por “outro” e, principalmente, pelo “líder de equipe agrícola”.

**MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO  
DE QUEM PARTIU O CONVITE PARA TRABALHAR  
1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/2006**

	<b>Proprietário</b>	<b>Turmeiro</b>	<b>Amigo</b>	<b>Vizinho</b>	<b>Outro</b>	<b>Total</b>
<b>Homens</b> <b>1977</b>	32,1%	43,4%	13,2%	1,9%	9,4%	100%
<b>Mulheres</b>	29,1%	36,4%	14,5%	1,8%	18,2%	100%
<b>Homens</b> <b>1985/86</b>	2,6%	73,7%	15,8%	2,6%	5,3%	100%
<b>Mulheres</b>	2,2%	77,8%	13,3%	2,2%	4,5%	100%
<b>Homens</b> <b>1995/96</b>	16,6%	16,6%	14,5%	2%	22%	100%
<b>Mulheres</b>	3%	11,1%	14,8%	9,2%	59,2%	100%
<b>Homens</b> <b>2003/06</b>	5,5%	16,7%	55,6%	0%	22,2%	100%
<b>Mulheres</b>	5,5%	35,5%	21,4 %	2,7%	35,0%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

A jornada de trabalho é mais longa do que a daquelas pessoas que trabalham no urbano, pois as mulheres e os homens ficam na dependência do transporte para conduzi-los/as até o local de trabalho. O tempo despendido nesse percurso, conforme as pesquisas demonstraram, varia de 30 minutos a 1h30min.

Hoje o transporte é feito por ônibus. Há também verdadeira distribuição sexual dos lugares, como acontecia nos caminhões, as mulheres sentam-se nos bancos da frente e nos outros, os homens. As pessoas trabalhadoras se sentem mais valorizadas no “conforto” propiciado pelos ônibus, embora os veículos sejam sempre de péssima qualidade.

Percebe-se claramente nos discursos das pessoas que houve melhoria no transporte, mas continua a separação homem/mulher. Antes as mulheres falavam que levavam a comida no embornal, agora usam exclusivamente o termo mochila. (Rossini, 1999, 2007).

No caso específico da dupla jornada de trabalho, verifica-se que a mulher, após um longo dia de trabalho na cana, continua sem descanso, tendo que “enfrentar a casa”, isto é, as chamadas “atividades não-produtivas”: produção de valores de uso e prestação de serviços na unidade doméstica (Posthuma e Lombardi, 1997; Silva, 1999; Elias e Sampaio, 2002).

Com a entrada da mulher na força de trabalho, agora migrando de casa para o trabalho fora do lar, a atividade doméstica passou a ser considerada secundária, realizada nas horas

extremas (muito cedo ou à noite) ou no final do sábado e no domingo, pois é indispensável para a reprodução da família.

O tempo de repouso para mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem ele permanece quase o mesmo, pois após uma longa jornada de trabalho o homem chega em casa e aguarda o jantar. Poucos tem colaborado no trabalho doméstico. Nos fins de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola, bater um papo e ficar no bar conversando e bebendo. Enquanto isso, a mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão, cuida das crianças.

Em boa parte esse trabalho é desempenhado por ela, raramente tem a colaboração da sogra, da mãe, da irmã, das cunhadas, dos companheiros, dos irmãos, etc. Quando as filhas começam a crescer já recebem alguns encargos. Inicialmente, cuidar dos irmãos menores, arrumar a cozinha. Dividem aos poucos os "encargos" da mãe até irem para a roça ou outro trabalho na cidade ou migrarem. Essa saída é feita para o trabalho em outra cidade ou através do casamento.

Os meninos acompanham o pai, fazem pequenos serviços de compras para casa e aguardam que a mãe ou irmã lhes tragam a comida, lhes dêem a roupa para trocar, etc. Cedo vão para o trabalho.

A queda recente na qualidade da alimentação é grande, apesar de maior número de pessoas esteja sendo obrigada a tentar a entrada na força de trabalho. A carne de frango é consumida com bastante frequência, pois o quilo dela equivale, praticamente, ao preço do quilo de batata, de arroz ou mesmo de um pé de alface.

Algumas usinas ou empresas de trabalhadores rurais estão fornecendo reforço alimentar: pela manhã, leite de soja e pão e ao meio-dia, sopa, suco, etc. Muitas empresas "oferecem" marmiteix. Há também o reforço com isotônico para evitar câibras.

"Eu almoço às 9 horas e tomo café à 1 hora. Levo arroz, feijão, Ki-suco e água"

"Levo arroz, feijão, farinha, ovo e um garrafão ou corote com água"

"O almoço é às 9 horas: arroz, feijão e verdura. O café é à 1 hora: chá e pão"

"Almoço arroz, macarrão e Ki-suco"

Anteriormente levavam café para beberem durante o trabalho. Com o aumento relativo do produto e o rebaixamento salarial, mais evidente a cada dia, o café tem sido substituído por chá ou "ki-suco".

Ao chegarem ao trabalho do campo, hoje, boa parte das empresas ou fornecedores estão oferecendo pão e um copo de leite de soja ou "ki-suco". Já há casos tanto de fornecimento de alimentação a custo quase zero para o trabalhador, como de vale refeição.

Durante o dia fornecem isotônico. Nada mais é do que a forma barata de alimentar os trabalhadores para que estes aumentem a produtividade e não tenham câibras. O enorme esforço físico para aumentar individualmente o número de toneladas de corte diário da cana tem provavelmente provocado a morte de muitos trabalhadores. Maria Aparecida Moraes Silva tem denunciado este fato. De 2004 até a safra de 2005 ocorreram treze mortes nos canaviais motivados por ataque cardíaco, muito provavelmente pelo excesso de trabalho (Silva, 2005). Após esse período, as mortes continuaram ocorrendo.

A decisão de fornecer alimentação se deve ao “esforço” dos usineiros ou dos fornecedores para propiciar o aumento da produtividade dos/das trabalhadores/as, devido ao estado de subnutrição que apresentavam. “A comida é servida numa embalagem de alumínio descartável contendo arroz, feijão, carne e uma outra mistura que pode ser farofa, salada ou verdura. Acompanha ainda um pãozinho, além de leite”.

Ribeirão Preto é o centro escolhido para compras gerais ou de algum produto específico e a alegação é que fica “mais em conta”.

Em relação aos “bens possuídos” pelas famílias, o aumento das que passaram a possuir geladeira, fogão a gás, bicicleta foi grande. Caiu o número de famílias com máquina de costura e rádio a pilha. No primeiro caso, a disseminação do hábito de comprar roupa pronta deve ter contribuído bastante, e no segundo, a presença de “aparelhos de som” e televisão deve ter concorrido para a diminuição dos outros itens. Todas as famílias possuem televisão. Infelizmente não foi perguntado nada sobre estes novos equipamentos, mas nas entrevistas ficou clara esta nova dinâmica. A televisão aparece em 2003/06 em 100% das residências. Em 1977 apenas 20,9% possuíam geladeira e 88,4% em 2003/06. Em 2003/06, 61,2% dos pesquisados já possuem bicicleta e provavelmente, na próxima pesquisa, a presença de computador e do aparelho de DVD poderão ser uma realidade. O desenvolvimento técnico-científico e o aumento da demanda possibilitaram a popularização de determinados bens, que possuem maior valor agregado (Santos, 1996).

**MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO**  
**BENS POSSUÍDOS PELA FAMÍLIA**  
**1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/2006**

**(em porcentagem)**

<b>Bens Possuídos</b>	<b>1977</b>	<b>1985/86</b>	<b>1995/96</b>	<b>2003/06</b>
Automóvel	10,6	2,6	16,0	12,1
Outro veículo	item não observado	item não observado	item não observado	0,0
Bicicleta	41,9	23,7	58,0	61,2
Televisão	58,1	68,4	80,0	91,5
Rádio Elétrico	46,5	26,3	82,0	73,1
Rádio de Pilha	58,1	17,4	28,0	9,9
Fogão à Gás	72,1	100,0	94,0	98,6
Fogão à Lenha	62,8	13,2	8,0	0,0
Máquina de Costura Simples	65,1	34,2	32,0	9,4
Máquina de Costura Elétrica	2,3	13,2	4,0	2,9
Geladeira	20,9	50,0	76,0	88,4
Liquidificador	11,0	42,1	60,0	41,3
Vídeo Cassete	item não observado	item não observado	item não observado	12,4
Computador	item não observado	item não observado	item não observado	0,0
Celular	item não observado	item não observado	item não observado	6,6
Tanquinho	item não observado	item não observado	item não observado	47,7
Máquina de Lavar	item não observado	item não observado	item não observado	6,2
DVD	item não observado	item não observado	item não observado	2,1
Antena Parabólica	item não observado	item não observado	item não observado	0,7

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

## Considerações Finais

A mudança que tem se operado em relação ao trabalho tem sido enorme. Homens e mulheres lutam pela sobrevivência procurando manter o trabalho durante todo o ano, atividade que se torna rara a cada dia devido à mecanização intensa na agricultura. Há permanente perda de ocupação tanto para os homens como para as mulheres. Assiste-se, a cada dia, possibilidade de engajamento na força de trabalho para as pessoas mais especializadas em máquinas sofisticadas - colhedoras, tratores, caminhões e treminhões. Assim sendo, intensificam-se as masculinidades na agricultura moderna: apenas homens operam máquinas.

De acordo com as entrevistas realizadas percebe-se que as perspectivas para o futuro não são otimistas para os adultos, apenas as pessoas jovens pensam em uma profissionalização que as integre no mercado de trabalho e o caminho parece ser através da educação formal.

Há, por parte de todas as pessoas, certa rejeição ao trabalho braçal na lavoura. A outra possibilidade tem sido o trabalho, para os homens, no setor terciário: pedreiro, carpinteiro ou pintor. As mulheres querem trabalhar no magistério, no setor urbano como empregadas em lojas etc. Não querem ser empregadas domésticas porque consideram a atividade mal remunerada e uma “prisão”. A dupla jornada de trabalho persiste nos discursos. A migração de atividade e de local de residência para melhoria da qualidade de vida são a tônica constante para homens e mulheres. Muitos pensam em partir para os assentamentos e no futuro terem o lote de terra familiar.

A luta continua.

## Bibliografia

- ABREU, J.; Sorj, B. 1994. Informalidade e precariedade: gênero e raça no Brasil em 1990. IV Conferência Internacional da Mulher (Pesquisas, 1995). Rio de Janeiro: IPEA, 1994 (Série Seminários, nº 7).
- CACCIAMALI, M. C. Informalidade, flexibilidade e desemprego - necessidade de regras e políticas públicas para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania. GEOUSP Espaço e Tempo. Revista do Departamento de Geografia, vol. 10, 2001, Humanitas - FFLCH, USP, pp. 77-90.
- CARVALHO, M. J. Soares e ROCHA, C. M. Famer (Orgs.). Produzindo Gênero. Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – 2003 – Porto Alegre. Porto Alegre, Editora Sulina, 2004.
- ELIAS, D. et SAMPAIO, J.L.F. (orgs.) Modernização excludente. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2002.
- Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e SEBRAE. O Novo Ciclo da Cana: estudo sobre competitividade do Sistema Agroindustrial da cana-de-açúcar e Prospecção de novos empreendimentos. Editora IEL. Brasília, IEL/SEBRAE, 2005.
- MARTINS, J. S. A Sociedade do abismo - novos estudos sobre exclusão, pobreza e classe sociais. Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.
- POSTHUMA, A. C.; LOMBARDI, M. E. 1997. Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 11, nº 1, pp. 124-131, jan-mar, 1997.
- RATTNER, H. (org.) *O Brasil no Limiar do Século XXI*. EDUSP: São Paulo, 2000.
- ROSSINI, R.E. “Internacionalização e modernização: os anos 60 a 80”. In: BRIOSCHI, L.R. et BACELLAR, C.A.P. Na Estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista. Humanitas, São Paulo, 1999. pp. 203 a 240.
- ROSSINI, R.E. “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura: o exemplo da macro-área de Ribeirão Preto (SP) 1977-2006”. In: *Anais do Encontro Nacional da ABEP*, Caxambu - MG., 2006.
- SACHS, Ignacy – IEA/USP. 07.02.2007 (micrado).
- SANTOS, M. 1996. A natureza do espaço. Hucitec, São Paulo.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. Errantes do Fim do Século. São Paulo: UNESP, 1999.
- . Senhores da Terra, Donos do Mundo (DVD). Produção OZ Produtora. Apoio CNPq/FAPESP, 2005.
- . A Luta pela Terra: experiência e memória. Editora UNESP. São Paulo, Brasil, 2004.
- SOUZA, M. A. A. de. 1997. O significado do trabalho no mundo novo. XVII Encontro Nacional de Dirigentes de Pessoal das Instituições Federais de Ensino. Curitiba-Brasil (mimeo).



WAJNMAN, S.; Perpétuo, I. H. 1997. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. Revista Nova Economia, vol. 7, nº 1, maio de 1997. Belo Horizonte. Brasil, pp. 123-147.

WAJNMAN, S.; Queiroz, B. L.; Liberato, U.C, 1998. O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil in XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População: Globalização e Exclusão. ABEP - Caxambú - Minas Gerais, pp. 2429-2454.

### **Endereços eletrônicos visitados:**

Fundação SEADE - <http://www.seade.gov.br/>

Associação Brasileira de agronegócios – Ribeirão Preto - [www.abragrp.org.br](http://www.abragrp.org.br)

Revista Ciência Hoje - [www.cienciahoje.uol.com.br](http://www.cienciahoje.uol.com.br)

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - [www.conptio.embrapa.br](http://www.conptio.embrapa.br)

Instituto de Economia Agrícola – São Paulo - [www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br)

Usinas e Destilarias do Oeste Paulista - [www.udop.com.br](http://www.udop.com.br)

União da Agro Indústria Canavieira - [www.usina.com.br](http://www.usina.com.br)

### **Jornais e Revistas**

Jornal Folha de São Paulo, 07.02.2007

Revista da FAPESP, 20.07.2007

Revista Veja. Edição Especial Mulher. Ano 34, dezembro de 2001